

# humanitas



Vol. XXV-XXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HVMANITAS

VOLS. XXV E XXVI



COIMBRA  
MCMLXXIII-IV



## FONTES CLÁSSICAS NA *MÉGARA* DE REIS QUITA E PEDEGACHE

Neste trabalho pretendemos mostrar a influência que a tragédia *Hércules* de Eurípides e a que Séneca escreveu sobre o mesmo tema possam ter exercido na *Mégara* que Reis Quita compôs de colaboração com Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo. Essa influência, no que respeita à tragédia grega, é nítida, tanto no tema em geral, como em certos passos que se nos apresentam, a bem dizer, como traduções. Quanto à obra de Séneca, a sua influência é incomparavelmente menor e cifra-se em alguns pormenores. Vê-lo-emos melhor pela comparação do entrecho das tragédias que passamos a recordar. Na peça de Eurípides, enquanto Hércules está ausente num dos seus trabalhos — a ida ao Hades —, Lico mata Creonte, rei de Tebas e pai da esposa de Hércules, Mégara, e os filhos, apoderando-se do trono. Para evitar possíveis vinganças futuras, Lico decide acabar com a família toda, pelo que se apronta para matar Mégara, o pai, Anfitrião, e os três filhos do herói, que, quando a acção começa, se encontram refugiados no altar de Zeus, situado em frente do palácio. Lico entra arrogante, minimiza Hércules e anuncia a sua decisão de lhes dar a morte. Entre ele e Anfitrião trava-se um *ἀγών*, a que Lico põe termo com a «lei da força», ao ordenar à sua escolta que vá a monte Hélicon buscar lenha, e lance fogo ao altar. Apesar do apoio dos anciãos tebanos que constituem o coro, Mégara aconselha Anfitrião, já que o seu destino é esse, a morrer ao menos com honra, a afrontar a morte de cabeça erguida. Ele deixa-se convencer e pede apenas a Lico que lhe conceda a graça de morrer primeiro. Mégara junta a esse o desejo de que lhe seja permitido ir dentro do palácio com os filhos, a fim de os preparar com as vestes fúnebres, o que lhes é concedido. No fim do estásimo, voltam a entrar em cena preparados para a morte, e Mégara lamenta a sorte dos filhos em quem o pai e ela punham tantas esperanças. Então apa-

rece Hércules inesperadamente e admira-se de os ver naquele estado. Ao ter conhecimento do que se passou em Tebas e da sorte que estava reservada à família, decide vingar a afronta e castigar imediatamente Lico. Tê-lo-ia feito, se não fora os conselhos de prudência do pai e os rogos de Mégara. Por isso, prefere esperar Lico no interior do palácio. Este, em breve, aparece em busca das vítimas, e é morto. Neste momento a urdidura da peça sofre uma mutação: Hércules, por acção de Hera que o tem perseguido com o seu ódio, enlouquece e, supondo-se em Micenas, mata Mégara e os filhos, julgando matar a família de Euristeu. Por fim, cai num sono profundo de que se aproveitam Anfitrião e os servidores para o atarem a uma coluna e o imobilizarem. Quando acorda e vê as consequências do seu acesso de loucura, o desespero leva-o ao desejo de suicídio. Salva-o a amizade de Teseu que o aconselha a lutar e a enfrentar dignamente a situação e o seu acto, de que não tivera culpa. Seria maior fraqueza e cobardia a morte em tais circunstâncias do que a vida. Hércules deixa-se persuadir e parte para Atenas com Teseu, deixando a Anfitrião a missão de sepultar e prestar honras fúnebres a Mégara e aos filhos.

A peça de Séneca apresenta o mesmo enredo da tragédia de Eurípides, com ligeiras modificações. Hércules, na sua descida ao Hades, demora-se e é dado como morto. Lico apodera-se do ceptro de Tebas e mata Creonte e os filhos. No entanto, de início, não tem intenção de matar Mégara e as crianças, mas de desposá-la, pois — justifica ele — o poder que possui, sendo usurpado, é instável; apenas a sua união com Mégara o pode tornar seguro (vv. 344-347). Só perante a recusa e a oposição terminante e obstinada desta é que decide exterminar toda a família de Hércules.

Outra alteração reside no facto de Teseu entrar em cena juntamente com Hércules, quando este regressa do Hades (vv. 592 sqq.), e de permanecer no palácio para defender a família do seu salvador de qualquer golpe inesperado (v. 637), enquanto ele vai à procura de Lico para se vingar; ora, na tragédia de Eurípides, Hércules espera o usurpador no palácio (vv. 599 sqq.) e Teseu só aparece mais tarde, no momento em que o filho de Alcmena desperta do sono que dele se apoderou, após a carnificina (vv. 1163 sqq.).

No resto, a acção segue a da peça de Eurípides, mas é menos movimentada: a extensão dos estâsimos, das falas e monólogos e a abundância de partes narrativas, onde são descritas as viagens e trabalhos de Hércules, dão-lhe um certo estatismo e uma monotonia que apenas

o perigo em que se encontra Mégara e os filhos, a loucura de Hércules e a tentativa final de Anfitrião e de Teseu para o levar a interessar-se pela vida e a olhá-la de frente conseguem sacudir.

A *Mégara* de Reis Quita-Pedegache vai buscar a quase totalidade do enredo às duas tragédias acima referidas, como se pode ver pelo resumo da acção que nos fornece o Argumento que precede a peça (1).

Dão-se os mesmos acontecimentos políticos: usurpação do trono de Tebas por Lico, durante a ida do filho de Alcmena ao Hades. As figuras principais são também as mesmas, com exclusão de Teseu (2), por não ter cabimento na acção da *Mégara*; outras diferenças são a substituição de Anfitrião por Creonte e a introdução de mais duas personagens secundárias: Forbas, ministro e conselheiro de Lico, e Ormidas, um dos seus generais. Hércules aparece na peça portuguesa com o nome de Alcides que nunca lhe é dado na tragédia grega, mas uma que outra vez na latina (vv. 84, 107, 186, 204) (3). E, ao contrário do que sucede nas obras de Eurípides e Séneca, o tirano mata apenas os irmãos de Mégara, poupando a vida de Creonte, porque prevê vir a necessitar dele para tentar a consecução dos seus intentos — desposar Mégara.

Quando a cena abre, esta está prostrada junto do altar de Júpiter e rodeada pelos sacerdotes que constituem o Coro. A filha de Creonte chora a desgraça que a atingiu e lamenta a sorte que a espera, bem como

---

(1) Reis Quita, *Obras*, Lisboa, Typografia Rollandiana, 21781, vol. II, pp. 120-125.

Além desta existe uma edição avulsa da *Mégara*, saída em 1767, em Lisboa, que corre sob o nome de Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo e que contém, à laia de Prefácio, uma extensa «Dissertação sobre a Tragedia» do mesmo autor. Preferimos usar as *Obras* de Reis Quita, porque são mais fáceis de encontrar. A edição de 1767 só a utilizaremos, quando precisarmos de nos referir à citada «Dissertação».

(2) Fazem-se-lhe, no entanto, alusões: Hércules, quando regressa do Hades e entra em Tebas, diz aos familiares que deixou Teseu do outro lado do rio Ismeno à frente do exército (cf. Reis Quita, *Obras* II, p. 179); Lico, ao expressar os seus temores a Forbas (*Obras* II, pp. 184-185), afirma que teve conhecimento de que Teseu ficara a comandar o exército do outro lado do Ismeno, enquanto Hércules veio à cidade; mais tarde, Creonte, ao contar como decorreu o combate, narra-nos o incitamento de Teseu às tropas (*Obras* II, p. 206).

(3) Também já se encontra na tradição de *Os Lusíadas* (cf. e. g. III. 137; IV. 49 e 80; IX. 57).

a dos filhos, pois o usurpador não quererá, com certeza, deixar viver os possíveis vingadores da sua acção de agora e não temerá chegar ao «cume da impiedade» e «profanar o Altar de Jove» (1).

Dirigindo-se aos deuses, pergunta até quando terão de

.....soffrer os golpes  
 De um fero usurpador, que as mãos atrozes  
 Impiamente banhou no Regio Sangue  
 De todos os Irmãos, que injustamente  
 Se apoderou do Throno de Creonte (2).

O coro tenta consolá-la: que se não deixe vencer pela dor e pelo desespero. Júpiter, com certeza, não os desampará e não há a certeza de que Alcides esteja morto; ele regressará um dia e castigará o tirano (3).

Mégara não acredita nessas «falsas esperanças», que o coro tenta dar-lhe, e continua a lamentar a sua sorte e o seu desamparo:

*Eu só defendo a meus amados Filhos;  
 Eu só da morte os passos lhe detenho,  
 Como a ave, que os filhos indefezos  
 Debaxo abriga das amantes azas (4).*

que se podem aproximar do que a mesma Mégara diz nos versos 70-72 da tragédia de Eurípides:

*ἐγὼ δὲ καὶ σὺ μέλλομεν θνήσκειν, γέρον,  
 οἳ θ' Ἡράκλειοι παῖδες, οὓς ὑπὸ πτεροῖς  
 σώιζω νεοσσὸς ὄρνις ὡς ὑφειμένη (5).*

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 128.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 127. Podemos aproximar estas palavras dos versos 254-257 da tragédia de Séneca.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 129.

(4) Reis Quita, *Obras II*, pp. 131-132.

(5) VV. 70-72:

*Eu e tu, ó ancião, vamos perecer, bem como os filhos de Hércules que escondo sob as minhas asas, como uma ave abriga as suas crias.*

Por fim o coro oferece a sua vida para a defender, apesar de as suas «mãos débeis, desarmadas» constituírem um fraco socorro. A princesa agradece a oferta que não aceita:

*Companheiros fieis do meu destino,  
Não quero que esse amor vos custe a vida,  
Pois em nossa defeza interessar-vos  
Seria expôr-vos a total ruina (1).*

Podemos aproximar estas palavras das que Mégara, nos versos 275-278 da peça grega, dirige ao coro, agradecendo-lhes a simpatia, mas aconselhando-os a não irritar Lico (2).

Em breve, este encaminha-se para a cena e, quando Mégara o vê, fica tomada de terror:

*Correi filhos, correi ao vosso asylo:  
Abraçai este Altar. Socorro, ó Jove.  
He meu perseguidor, he o Tyranno:  
Que novas, que fataes calamidades  
Sua horrível presença me annunciação! (3)*

Podemos aproximar este passo das palavras que a mesma profere em igual situação na tragédia de Séneca:

*Sed ecce saeuus ac minas uultu gerens  
et qualis animo est, tali incessu uenit  
aliena dextra scepra concutiens Licus (4).*

Mas Lico vem com intenções diferentes das que a filha de Creonte julgara. Começa por dizer que ele constitui o único socorro dela, neste momento, porque Alcides ficou no Hades, o

---

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 131.

(2) Vide infra, p. 28, onde se transcreve o texto grego.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 134.

(4) VV. 329-331.

povo é inconstante e o altar que buscou como asilo de nada lhe serve, pois

*Tu bem sabes que posso sem violallo  
Sem offender os Deoses, e seu Culto  
Fazer-vos todos espirar nas chamas,  
Cercando o mesmo Altar de voraz fogo (1).*

Defende-se depois da acusação de crueldade e justifica-se da acção que praticou, alegando que o ceptro só a ele pertencia, como descendente de um antepassado do mesmo nome a quem a família de Creonte tinha usurpado o trono. Lico, de réu, passa a acusar Creonte de provocar sedições

*Para cingir a Croa na cabeça  
Depois da morte do piedoso Laio*

e de incentivar o ódio

*No peito de Eteocle, e Polinice,  
Para sobre seus grandes infortunios  
Ao Throno se elevar, a que aspirava (2).*

Mégara defende o pai e invectiva Lico, que põe termo às censuras com estas palavras incisivas:

*Reino: ditosos vivem os Thebanos;  
Não busco outros, são estes meus direitos (3).*

E propõe casamento a Mégara:

*Amparar-nos devemos mutuamente;  
O Amor da Patria, nossos inimigos,  
A razão, nossos próprios interesses,  
A huma união precisa nos obriga.  
O diadema, o thalamo te offereço (4)*

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 135.

Podemos confrontar esta ameaça com o que diz Lico nos versos 240 sqq. da peça de Eurípides e o que ordena aos soldados nos versos 506-508 da tragédia de Séneca.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 136.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 138.

(4) Reis Quita, *Obras II*, p. 138. Cf. Séneca, *Hercules Furens* 368-270.

proposta que Mégara rejeita duramente, por entre injúrias que se podem aproximar das que a mesma profere nos versos 372-373 da tragédia de Séneca, como veremos adiante (1).

Lico, no entanto, previa esta oposição e apressa-se a notar à princesa que não merece estes ultrajes, já que tudo tem feito para lhe aliviar os males. Se matou os irmãos, foi porque a isso se viu obrigado (2). Quanto ao pai ele vive e em breve o verá. Também lhe permite a entrada no palácio de Alcides, cuja vista

.....a lembrança renovando  
 Da tua antiga gloria, talvez possa  
 Mudar teus indiscretos pensamentos (3).

Perante os transportes de alegria de Mégara, foi-lhe, contudo, notando que a vida de Creonte dependia da aceitação da sua proposta, o que provoca uma reacção violenta de Mégara:

Vai, Tyranno? no teu offrecimento  
 Leio, descubro a tua cobardia.  
 O salvars a vida de Creonte  
 Se deve ao teu temor, não à clemência.  
 Se me offreces o Throno, he que pretendes  
 Socegar os Thebanos rebellados (4).

E viu bem Mégara, como se fica a conhecer pelas palavras que Lico dirige a Forbas na cena seguinte: que não o vence o *Amor effeminado* e só o *Throno* / *He de sua paixão o unico empenho*. Embora reconheça que o povo se deixa sujeitar facilmente, a sua ingenuidade não vai ao ponto de se considerar seguro. Ora o casamento com Mégara resolveria o problema,

...hum util Hymeneo, que em dote traga  
 O Amor, que inda conservão os Thebanos  
 A Creonte, a Megara, e a seus filhos (5).

(1) Vide infra, p. 143.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 139.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 141.

(4) Reis Quita, *Obras II*, p. 140.

(5) Reis Quita, *Obras II*, p. 143.

Estas justificações foram, com certeza, sugeridas pelas que o mesmo Lico profere nos versos 341-348 da tragédia de Séneca.

Com esta conversa entre Lico e o seu conselheiro, a revelar-nos a ambição desmedida do tirano que não recua diante de nada para atingir os seus fins, e com uma ode em que o coro invoca Júpiter, a fim de que os socorra castigando o tirano, termina o primeiro acto. O segundo abre com a libertação de Creonte que, justamente, desconfia da clemência de Lico. Quando este lhe revela que o preço é a concessão da filha em casamento, Creonte tem uma violenta reacção:

*Atrevido vassallo! Já te esqueces,  
Que de teu proprio Rei Megara he Filha?* (1)

Entre os dois trava-se uma discussão — talvez sugerida pela que se dá nas peças de Eurípides e Séneca entre Anfitrião e Lico — em que este se mostra paciente, de acordo aliás com o plano que revelara no seu diálogo com Forbas no acto anterior, onde afirma que tudo prometerá para atingir os seus desejos mas

*Prometter, e faltar astucioso  
He virtude nos Reis, arte de todos,  
e seguir esta maxima pretendo* (2).

Lico põe fim ao diálogo, declarando que Creonte tem na mão a sua salvação e a da família. Uma recusa sua terá como consequência «a mais vil morte».

A alegria do reencontro entre pai e filha mistura-se com a lamentação da perda de Alcides, e com o mútuo apoio para resistir às pretensões de Lico (3). Em dado momento, Mégara conta que os filhos não se

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 151.

(2) Reis Quita, *Obras II*, pp. 143-144.

(3) Reis Quita, *Obras II*, pp. 157-158, onde, perante a declaração de Mégara de que

*...deve preferir-se a dura morte  
a huma vida comprada com opprobio,*

Creonte abraça-a efusivamente, exclamando:

*Torna a meus braços, adorada filha.  
A Virtude fallou por tua boca.*

Por fim, Mégara dá um punhal a Creonte, ficando com outro para si, a fim de se suicidarem, se as circunstâncias assim o exigirem. O punhal que Mégara conserva

acostumam à ausência do pai, enchem-na de perguntas, e, ao mínimo ruído, correm para a porta, julgando que é ele (1). Estas palavras de Mégara seguem de muito perto os versos 73-79 da tragédia de Eurípides, onde a princesa tebana descreve também as reacções dos filhos, as suas perguntas a respeito do pai, os seus sobressaltos, quando presentem alguém. Vê-lo-emos mais desenvolvidamente adiante (2).

Quando Lico regressa para saber a resposta às suas pretensões, recebe uma recusa rasgada, de nada valendo as ameaças do tirano. Na discussão que se gera (3) — certamente sugerida pela cena da tragédia de Séneca em que Lico tenta a todo o custo que Mégara aceda a desposá-lo e que Anfitrião autorize esse casamento — a filha de Creonte a determinada altura ameaça que, se a tal casamento se sujeitasse, seria para escolher o sítio onde cravasse com mais segurança o punhal (4).

Lico, no entanto, embora de princípio reaja, domina-se e dá-lhes mais algum tempo para decidir entre a morte ou a aceitação da sua proposta; parte sem prestar atenção às afirmações de Mégara e Creonte de que a escolha está feita.

O acto termina com a ode coral em que se lamenta a sorte e a injustiça que está prestes a atingir os inocentes filhos de Alcides.

O Acto III é aquele onde se nota uma influência mais directa da peça de Eurípides quer quanto à acção, quer quanto aos dizeres e argumentos apresentados pelas personagens. O acto anterior terminara com a partida de Lico, enquanto Creonte, Mégara e os filhos desta entram no palácio, o mesmo que sucede no fim do primeiro episódio da tragédia grega, onde Lico permite que Anfitrião, Mégara e os filhos vão lá dentro envergar as vestes fúnebres, e deixa a cena. Nas duas peças, após uma ode coral, os familiares de Hércules aparecem novamente, vestidos de luto e preparados para a morte; nas duas, principia-se por uma lamentação de Mégara, com muitos pontos e passos comuns — recorda as esperanças que Hércules e ela punham nos filhos, chora a desgraça que agora os atinge e invoca o marido para que a socorra e a ouça, em

---

terá mais tarde um papel de relevo no desenlace da acção. Será sob os seus golpes que Lico cairá morto (cf. Reis Quita, *Obras II*, p. 214).

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 156.

(2) Vide infra, pp. 29-30.

(3) Reis Quita, *Obras II*, pp. 159-162.

(4) Reis Quita, *Obras II*, pp. 159-160. Cf. Séneca, *Hercules Furens* 498-501 (vide infra, pp. 30-31).

qualquer parte que esteja. A sua semelhança vai a ponto de parecer uma versão literal.

Mégara começa por apresentar as vítimas ao sacerdote que executará o sacrifício (1), para em seguida referir que é pela última vez que os seus olhos vêem os filhos:

*...pela última vez vos vem meus olhos.  
Cruel destino! Que eu vos desse ao Mundo,  
E amorosa a meus peitos vos criasse,  
Para vos ver, meus filhos, destinados  
Aos opprobios de hum barbaro Tyrano! (2)*

Palavras que oferecem grande paralelismo com as que a mesma Mégara profere nos versos 456-459 da peça de Eurípides:

*᾽Ω μοῖρα δυστάλαιν' ἐμή τε καὶ τέκνων,  
τούσδ' οὖς πανύστατ' ὄμμασιν προσδέρομαι.  
Ἔτεκον μὲν ὑμᾶς, πολεμίους δ' ἐθροεφάμην  
ἕβρισμα κἀπίχαρμα καὶ διαφθοράν. (3)*

Numa e outra peça, Mégara refere, em seguida, as esperanças que o pai punha nos filhos e o que sonhava para cada um deles. Da comparação dos dois textos que damos a seguir vê-se, com facilidade, que o paralelismo é muito acentuado. Na tragédia de Quita diz Mégara:

*São estas as gloriosas esperanças,  
Que tanto ao vosso Pai lisonjeavão?  
Terimaco infeliz! Que adverso fado!  
Teu valeroso Pai te prometia  
De Euristheo o Palacio, o Sceptro de Argos,*

(1) *Aqui estão as victimas*, diz ela na *Mégara* (p. 166). *Eis as vítimas prontas a partir para o Hades* — exclama na tragédia de Eurípides (v. 453).

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 166.

(3) Vv. 456-459.

*Que destino bem desgraçado o meu e o de meus filhos, em quem ponho pela última vez os olhos! Eu que vos gerei e vos alimentei como ultraje, objecto de irrisão e ruína para os nossos inimigos.*

*E a pelle de Leão, de que se ornava.  
 A ti, meu Creoncides, pretendia  
 Armar o braço da nodosa clava,  
 E cingir-te de Thebas o Diadema.  
 A ti, tenro Deiconte, destinava  
 O Senhorio da famosa Oecalia  
 Pelo seu forte braço conquistada.  
 Vosso Pai cuidadoso, tristes orfãos,  
 Em seus vastos designios intentava  
 A Coroa cingir na frente a todos (1).*

Agora o passo de Eurípides que lhe corresponde:

*ἢ πολὺ με δόξης ἐξέπαισαν ἐλπίδες,  
 ἦν πατρὸς ὑμῶν ἐκ λόγων ποτ' ἤλπισα.  
 Σοὶ μὲν γὰρ Ἄργος ἔνεμ' ὁ κατθανὼν πατήρ,  
 Εὐρυσθέως δ' ἔμελλες οἰκήσειν δόμους  
 τῆς καλλικάρπου κράτος ἔχων Πελασγίας,  
 στολήν τε θηρὸς ἀμφέβαλλε σῶι κάραι  
 λέοντος, ἥπερ αὐτὸς ἐξωπλίζετο.  
 Σὺ δ' ἦσθα Θηβῶν τῶν φιλαρμάτων ἀναξ,  
 ἔγκληρα πεδία τὰμὰ γῆς κεκτημένος,  
 ἐς ὠξέπειθες τὸν κατασπείραντά σε·  
 ἐς δεξιάν τε σὴν ἀλεξητήριον  
 ξύλον καθίει, Δαιδάλου ψευδῆ δόσιν.  
 Σοὶ δ' ἦν ἔπερσε τοῖς ἐκηβόλοις ποτὲ  
 τόξοισι δώσειν Οἰχαλίαν ὑπέσχετο.  
 Τρεῖς ὄντας <ὑμᾶς> τριπτύχοις τυραννίσι  
 πατήρ ἐπύργου, μέγα φρονῶν εὐανδρίαι. (2)*

(1) Reis Quita, *Obras II*, pp. 166-167.

(2) Vv. 460-475.

*Mas mandaram muito de parecer as minhas esperanças em que, pelas palavras de vosso pai, outrora acreditei. A ti, teu pai que já não existe distribuiria Argos; devias habitar o palácio de Euristeu e dominar sobre a terra dos Pelasgos de belos frutos; à volta da tua cabeça lançava a veste selvagem do leão com que ele próprio se adornava. Tu eras senhor de Tebas amante de carros....; colocou-te na mão a clava protectora, um dom enganador de Dédalos. E a ti prometeu*

Mas não era só o pai que sonhava com um futuro feliz para os filhos. Também Mégara tinha os seus projectos:

.....vossa Mãe se desvelava  
 Em vos buscar Esposas de vós dignas.  
 Transportava-me em júbilo secreto,  
 Segurando nas firmes alianças  
 Entre Lacedemonia, Athenas, Thebas,  
 Vossa felicidade, e vossa gloria (1).

que são o paralelo do que a mesma Mégara diz na tragédia de Eurípides:

Ἐγὼ δὲ νόμφας ἠκροθινιαζόμεν,  
 κήδη συνάψουσ' ἔκ τ' Ἀθηναίων χθονός  
 Σπάρτης τε Θηβῶν θ', ὡς ἀνημμένοι κάλοις  
 προμνησίοισι βίον ἔχοιτ' εὐδαίμονα. (2)

Mas tudo isso foram sonhos e esperanças fagueiras que se transformaram na amarga e triste realidade de agora:

Projectos vãos! Desvanecio-se tudo  
 Como á vista do Sol a espessa sombra.  
 Ah filhos infelices! O destino  
 As inflexíveis Parcas por Esposas  
 Hoje vos dá, e a mim por nupcial banho  
 As dolorosas lágrimas, que verto.  
 Vosso Avô desgraçado, vos oferece  
 Em lugar do banquete a sepultura (3).

---

*dar-te Oicalia que ele outrora devastou com seus dardos certos. Assim, aos três, vos elevava a triplo trono o vosso pai, orgulhoso da sua coragem.*

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 167.

(2) Vv. 476-479.

*E eu escolhia-vos as esposas, unindo-vos pelo casamento à terra de Atenas, de Esparta e de Tebas, para que, atando a barca com fortes amarras, pudésseis ter uma vida feliz.*

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 167.

que se nos apresenta como que uma trasladação dos versos 480-484 da peça grega:

*Καὶ ταῦτα φροῦδα· μεταβαλοῦσα δ' ἤ τύχη  
νόμφας μὲν ὑμῖν Κῆρας ἀντέδωκ' ἔχειν,  
ἐμοὶ δὲ δάκρυα λουτρὰ δυστήνῳ φέρειν.  
Πατὴρ δὲ πατρὸς ἐστιᾷ γάμους ὄδε,  
Ἄιδην νομίζων πενθερὸν κῆδος πατρός. (1)*

Por fim invoca Hércules para que venha em seu socorro:

*Cáro Esposo! se lá na escura Estige  
Os gemidos se escutam dos viventes,  
Meus lastimosos ecos ouve atento  
.....  
Tua familia, Pai, Esposa, e filhos  
De hum golpe vão cahir na sepultura.  
Fez o teu Hymenêo feliz chamar-me,  
E aqui venho morrer de opprobios cheia.  
A socorrer-nos vem, ou mostra ao menos  
A tua sombra Augusta; ella só basta  
Para abater os ímpios assassinos,  
Que em nosso sangue tingirão os ferros (2).*

Invocação que está muito próxima da que faz na tragédia de Eurípidés:

*᾿Ω φίλτατ', εἴ τις φθόγγος εἰσακούεται  
θνητῶν παρ' Ἄιδῃ, σοὶ τάδ', Ἡράκλεις, λέγω·  
θνήσκῃ πατὴρ σὸς καὶ τέκν', ὄλλομαι δ' ἐγώ,  
ἢ πρὶν μακαρία διὰ σ' ἐκλιζόμεν βροτοῖς.  
Ἄρησον, ἐλθέ, καὶ σκιὰ φάνηθί μοι·  
ἄλις γὰρ ἐλθὼν κἂν ὄναρ γένοιο σύ·  
κακοὶ γὰρ ἐς σέ γ' οἶ τέκνα κτείνουσι σά. (3)*

(1) VV. 480-484.

*E tudo em vão. A sorte mudou-se e deu-vos, em troca, as Keres por esposas e à infeliz de mim deu-me as lágrimas para vos levar como banho nupcial. O pai de vosso pai celebra o banquete das bodas, considerando o Hades como vosso sogro.*

(2) Reis Quita, *Obras II*, pp. 167-168.

(3) Vv. 490-496.

*Ó querido esposo, se a voz de algum mortal é ouvida no Hades, eu te digo, Héracles: morrem teu pai e filhos, e pereço eu também que antes era considerada feliz entre*

E a lamentação continua em falas alternadas de Creonte, Mégara e Coro. Por fim, Hércules aparece inesperadamente e a esposa exclama:

*Mas que vejo? He possível, justos Deoses?  
 Não se enganam meus olhos?...Algum sonho  
 Lisonjeiro os sentidos me allucina?...  
 Ah meu Pai! Ah Ministro dos Altares!  
 Não he o meu Esposo?... Sim, hé ele (1).*

Passo que é nitidamente sugerido pelos seguintes versos de Eurípidés:

*ὦ πρόεσβυ, λεύσσω τὰμὰ φίλτατ'; ἢ τί φῶ;  
 .....  
 Ὅδ' ἔστιν ὃν γῆς νέρθεν εἰσηκούομεν,  
 εἰ μὴ γ' ὄνειρον ἐν φάει τι λεύσσομεν.  
 Τί φημί; ποῖ' ὄνειρα κηραίνουσ' ὄρω;  
 οὐκ ἔσθ' ὄδ' ἄλλος ἀντὶ σοῦ παιδός, γέρον. (2)*

Quando se certifica, corre para ele com os filhos:

*Vinde filhos; deixai o vosso asylo:  
 Vosso Pai aqui vem. Ide abraçallo.  
 Aos vestidos paternos segurai-vos.  
 He o libertador, a divindade,  
 Que dos braços da morte vos arranca (3).*

---

*os mortais, graças ao teu casamento. Socorre-nos, vem, que a tua sombra me apareça. Basta que tu venhas, mesmo que seja em sonho, pois os que querem matar os teus filhos são cobardes diante de ti.*

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 170.

(2) Vv. 514-519.

*Ó ancião, eu vejo o meu bem-amado! Caso contrário que hei-de dizer?... É, de facto, ele que nos diziam encontrar-se debaixo da terra, a não ser que vejamos um sonho em pleno dia. Que digo? Que sonhos vê a minha angústia? Não, ó ancião, este que chega não é outro em vez do teu filho.*

Também podemos comparar o passo citado de Reis Quita dos versos 518-525 da tragédia de Séneca, embora a sua semelhança esteja mais próxima do modelo grego.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 170.

Este passo é nitidamente inspirado nos seguintes versos de Eurípides:

*Δεῦρ', ὦ τέκν', ἐκκρήμνασθε πατρώων πέπλων,  
ἴτ' ἐγκονεῖτε, μὴ μεθῆτ', ἐπεὶ Διὸς  
Σωτήρος ὑμῖν οὐδέν ἐσθ' ὄδ' ὕστερος.* (1)

A cena que se segue e que se inicia com a entrada de Hércules, é também fortemente influenciada pela tragédia grega. Nas duas peças, o filho de Alcmena entra a saudar o seu palácio e fica surpreendido ao ver os filhos vestidos com os adornos fúnebres.

Eis o passo de Quita:

*Salve, Palacio, que fiel encerras  
O thesouro a meus olhos mais precioso.  
Salve, paternos Lares... Ceos, que vejo!  
Meus filhos como victimas ornados!...  
De Cidadãos cercada a cára Esposa!...  
Creonte afflicto em lagrimas banhado* (2)

que pode ser comparado com os versos 523-528 da tragédia de Eurípides:

*᾽Ω χαῖρε, μέλαθρον πρόπυλά θ' ἐστίας ἐμῆς,  
ὡς ἄσμενός σ' ἐσεῖδον ἐς φάος μολών.  
Ἔα τί χροῖμα; τέκν' ὄρω πρὸ δωμάτων  
στολμοῖσι νεκρῶν κρᾶτας ἐξεστεμμένα,  
ὄχλοι τ' ἐν ἀνδρῶν τὴν ἐμὴν ξυνάορον  
πατέρα τε δακρύνοντα συμφορὰς τίνας;* (3)

(1) Vv. 520-522.

*Vinde cá, meus filhos, dependurai-vos das vestes de vosso pai; ide depressa, não o deixeis, pois que não é para nós socorro nada inferior ao de Zeus Salvador.*

(2) Reis Quita, *Obras* II, p. 170.

(3) Vv. 523-528.

*Salve, ó tecto e vestíbulo da minha morada! Como te contemplo feliz, após voltar à claridade! Oh! Que é isto? Vejo os meus filhos diante do palácio com a cabeça coroada de adornos fúnebres, minha esposa rodeada por um grupo de homens e meu pai a chorar... acaso alguma desgraça?*

Cf. ainda com os versos 626-628 da tragédia de Séneca.

Depois trava-se um diálogo (1) em que Mégara e Creonte informam Hércules do que se está a passar em Tebas, diálogo esse que segue *pari passu* o que se processa na tragédia de Eurípidés (vv. 531 sqq.). Vamos dar alguns exemplos.

Mégara, quando Hércules chega, lança-se-lhe nos braços exclamando:

*Amado Esposo, vem, que a tempo chegas  
De resgatar a misera familia* (2)

que se deve aproximar do verso 532 da tragédia grega:

*ἦκεις, ἐσώθης εἰς ἀκμὴν ἐλθὼν φίλοις;* (3)

E quando ele interroga Creonte e Mégara, estes respondem:

*Creonte — Nós íamos morrer...*

*Mégara — Sim; a impiedade*

*(Perdoa, amado Pai, se te interrompo)*

*Sim a impiedade á morte condemnava*

*Tua Esposa, Creonte, e nossos filhos.*

*Hércules — Que estranho, horrível caso! Ó Veos, que escuto!*

*Mégara — Meos Irmãos infelices já não vivem* (49).

Interrupção idêntica nos aparece na tragédia grega.

*MEΓ. — Διωλλόμεσθα σὺ δέ, γέρον, σύγγνωθί μοι,  
εἰ πρόσθεν ἦρπασ' ἂ σέ λέγειν πρὸς τόνδ' ἐχοῖν.*

.....  
*καὶ τᾶμ' ἔθνησκε τέκν', ἀπωλλόμεν δ' ἐγώ.*

*HPA. — Ἄπολλον, οἷς φροίμοις ἄρχη λόγου.*

*MEΓ. — Τεθνᾶσ' ἀδελφοὶ καὶ πατὴρ οὖμὸς γέρον. (5)*

(1) Reis Quita, *Obras II*, pp. 171-180.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 171.

(3) V. 532.

*Tu chegaste e estás salvo. Vieste mesmo no momento preciso para defender os teus.*

(4) Reis Quita, *Obras II*, p. 171.

(5) Vv. 534-539.

*Mégara Nós íamos morrer — Perdoa-me, ó ancião, se me adiantei e te tirei o que tu devias dizer — .....Os meus filhos estavam prestes a morrer e eu ia perecer também.*

*Hércules Por Apolo! Com que prelúdios iniciais os teus discursos.*

*Mégara Já morreram os meus irmãos, bem como o meu velho pai.*

Hércules quer saber da morte dos cunhados e o que temia Lico de crianças inocentes e de uma mulher indefesa. O diálogo entre Mégara e Hércules, nas páginas 171-172, tem muito de comum com o que se trava entre os mesmos e Anfitrião nos versos 541-550 (1) da tragédia grega. Trata-se de uma paráfrase em que se desdobra a esticomitia da peça de Eurípides em dois ou mais versos. Exemplo mais significativo é o das páginas 173-174 em que Hércules estranha que pudessem acreditar na sua morte, depois de tantas empresas vitoriosas, e se revolta contra os Tebanos e contra a sua ingratidão, ao deixar morrer a família do seu benfeitor às mãos do tirano.

Eis o diálogo entre ele, Creonte e Mégara:

- Creonte* — .....*Os ingratos*  
*Thebanos, vis escravos de hum rebelde,*  
*Como desconhecidos affastavão*  
*Os olhos infieis dos nossos males;*  
*E perdidas de todo as esperanças*  
*Nos julgavamos já desanimados*  
*Que não verias mais a luz do dia.*
- Hércules* — *Acreditar podestes vós, que Alcides*  
*Depois de superar tantas fadigas,*  
*Vencedor não sahisse desta empreza?*
- Creonte* — *De Euristheo os frequentes mensageiros*  
*A tua morte todos confirmavão.*
- Hércules* — *Mas constranger-vos pode esta notícia*  
*A deixar o Palacio, e os Santos Lares?*

---

(1) Cujá tradução é a seguinte:

- Mégara* *Matou-os Lico, o novo soberano do país.*  
*Héacles* *Recorrendo às armas ou à revolta da cidade?*  
*Mégara* *À revolta. E detém o poder da cidade de Cadmo de sete portas.*  
*Héacles* *Mas a ti e ao ancião que temor vos affigia?*  
*Mégara* *Deviamos morrer, eu, teu pai e as crianças.*  
*Héacles* *Que dizes?! Porque receava ele os meus filhos órfãos?*  
*Mégara* *Poderiam vingar mais tarde a morte de Creonte.*  
*Héacles* *Porque apresentam os meus filhos este adorno próprio dos mortos?*  
*Mégara* *Nós havíamos já colocado as vestes da morte.*  
*Héacles* *E íeis morrer à força?! Oh! que desventura a minha!*

- Mégara* — *Delle fomos lançados com violencia,  
Creonte em duros ferros maniatado.*
- Hércules* — *Que impiadade! O traidor, o infame Lyco,  
(Oh Ceos!) teve valor de encher de ultrajes  
Uum ancião, hum Rei tão respeitável?*
- Mégara* — *Por ventura a violencia, a injustiça  
Conhecem a piedade?*
- Hércules* — *A minha ausencia  
Dissipou os affectos dos amigos?*
- Creonte* — *Amigos nunca tem os desgraçados.*
- Hércules* — *Os ingratos Thebanos já perderão  
A lembrança de tantos beneficios? (1).*

Eis a esticomitia da tragédia grega (vv. 551-560) que lhe corresponde:

- MEΓ.* — *Φίλων ἔρημοι· σὲ δὲ θανόντ' ἠκούομεν.*
- HPA.* — *Πόθεν δ' ἔς ὑμᾶς ἢ δ' ἐσῆλθ' ἀθυμία;*
- MEΓ.* — *Εὐρουσθέως κήρυκες ἤγγελλον τάδε.*
- HPA.* — *Τί δ' ἐξελείπετ' οἶκον ἐστίαν τ' ἐμήν;*
- MEΓ.* — *Βίαι, πατήρ μὲν ἐκπεσὼν στρωτοῦ λέχους...*
- HPA.* — *Κοῦκ ἔσχεν αἰδῶ τὸν γέροντ' ἀτιμάσαι;*
- MEΓ.* — *Αἰδώς γ' ἀποικεῖ τῆσδε τῆς θεοῦ πρόσω.*
- HPA.* — *Οὔτω δ' ἀπόντες ἐσπανίζομεν φίλων;*
- MEΓ.* — *Φίλοι γάρ εἰσιν ἄνδροι δυστυχεῖ τίνες;*
- HPA.* — *Μάχας δὲ Μινυῶν ἅς ἔτλην ἀπέπτυσαν; (2)*

(1) Reis Quita, *Obras II*, pp. 173-174.

(2) Vv. 551-560.

- Mégara* — *Estávamos privados de amigos e tínhamos ouvido dizer que tu  
morreras.*
- Héracles* — *E como se apossou de vós esse desânimo?*
- Mégara* — *Os arautos de Euristeu é que traziam tais notícias.*
- Héracles* — *E o que vos obrigou a abandonar o palácio e o meu lar?*
- Mégara* — *A força. E o teu pai arrastou-o do leito...*
- Héracles* — *E não teve vergonha de ultrajar um velho?*
- Mégara* — *A vergonha habita longe dessa divindade.*
- Héracles* — *A tal ponto a minha ausência me privou de amigos?*
- Mégara* — *Que amigos possui o homem desgraçado?*
- Héracles* — *Assim desprezam a vitória que alcancei contra os Minios?*
- Vide infra, pp. 145-146.

Mas a semelhança não fica por aqui. Em seguida Hércules arranca as vestes fúnebres dos filhos, consola-os e ameaça Lico e os Tebanos: despedeçará o tirano e espalhará os seus membros para *servir aos cães de pasto*; e dos Tebanos todos verão os *cadáveres fluctuando* / *Nas correntes do Ismeno ensaguentadas*, já que

*Todos os meus triunfos, e façanhas  
Desprezarei por menos gloriosos,  
Ver-se-ha manchada a gloria, com que Alcides  
Victorioso aterrou de Lerno a Hydra,  
Com que o leão dos bosques de Neméa  
Fez rugir em seus braços suffocado.*

.....  
*Se meu furor não farto na vingança* (1)

que são nitidamente imitadas das que profere em idênticas circunstâncias na peça de Eurípides (2).

Creonte e Mégara tentam dissuadi-lo de marchar só contra Lico, que, como todos os tiranos que se prezam, se rodeara de uma forte força policial que, pela certa, lhe não pouparia a vida (3). Hércules reage, considera uma vileza e uma cobardia o que lhe estão a aconselhar (4). Mas, por fim, dá razão à esposa e ao sogro, seguindo os

(1) Reis Quita, *Obras II*, pp. 174-175.

(2) Vv. 562-581, cuja tradução se segue:

*Arremessai estes ornamentos do Hades que envolvem a vossa cabeleira e contemplai a luz..... E eu — pertence agora ao meu braço agir — vou partir e, em primeiro lugar, destruirei o palácio do novo tirano; arrancando-lhe a sacrílega cabeça, lança-la-ei como presa aos cães. A todos os Cadmeus que eu encontrar ingratos para quem foi seu benfeitor, aniquilá-los-ei com esta arma victoriosa e, dizimando-os com as flechas aladas, encherei todo o Ismeno com os mortos da carnificina, e a água clara de Dirce tingir-se-á de sangue. Quem tem mais direito à minha protecção do que a minha esposa, os meus filhos e o meu idoso pai? Que os meus trabalhos fiquem em paz. São vãs as acções que pratiquei, comparadas com a empresa presente..... Que glória me poderá vir do combate contra a hidra e contra o leão, por ordem de Euristeu, se não procuro afastar a morte dos meus filhos?*

(3) Reis Quita, *Obras II*, pp. 175-179.

(4) Reis Quita, *Obras II*, pp. 176 e 177.

seus conselhos de prudência. Parte a juntar-se ao exército que deixou do outro lado do Ismeno, sob o comando de Teseu.

Também aqui há semelhança com a tragédia de Eurípides na acção (1) e na linguagem, chegando alguns passos a corresponderem quase palavra a palavra. Assim, quando Creonte tenta dissuadir Hércules, diz-se que a cidade está cheia de guardas e vigias

.....  
*E se elles na Cidade entrar te vissem,  
 Contra ti se unirão depressa armados.*

Ao que Hércules responde:

*Que me importa, que me vissem os rebeldes (2).*

Pois na tragédia de Eurípides temos o mesmo diálogo entre Hércules e Anfitrião e quase pelas mesmas palavras:

*AMΦ. — Ὀφθῆς ἐσελθὼν πόλιν· ἐπεὶ δ' ὄφθῆς, ὄρα  
 ἐχθροὺς ἀθροίσας μὴ παρὰ γνώμην πέσεις.  
 ΗΡΑ. — Μέλει μὲν οὐδὲν εἴ με πᾶσ' εἶδεν πόλις (3)*

Mais adiante, o filho de Alcmena sossega o sogro e a esposa nestas palavras:

*Hum funesto presagio, hum máo agouro,  
 Que alguma desventura anunciavão,  
 Me fez occultamente entrar em Thebas (4)*

(1) Cf. vv. 585-609.

Há, no entanto, uma diferença exigida pelas modificações que Reis Quita introduziu na acção: enquanto na *Mégara* Hércules parte a juntar-se aos seus homens que o esperam na outra margem do Ismeno, na tragédia de Eurípides entra no palácio, a conselho de Anfitrião (vv. 599-609), e aí espera Lico, para lhe dar a morte, quando este, dentro de breves momentos, vier em busca das suas vítimas (vv. 701-761).

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 176.

(3) Vv. 593-595.

*Anfitrião Foste visto ao entrar na cidade; e, uma vez que foste visto, toma cuidado com os teus inimigos, para que agrupando-se, não caiam sobre ti de improviso.*

*Héracles Nada me importa que toda a cidade me tenha visto.*

(4) Reis Quita, *Obras II*, p. 178.

que correspondem às que o mesmo profere nos versos 596-598 da peça grega:

ὄρνιν δ' ἰδὼν τιν' οὐκ ἐν αἰσίοις ἔδραις,  
ἔγνω πόνον τιν' ἐς δόμους πεπτωκότα·  
ὥστ' ἐκ προνοίας κρόφις εἰσῆλθον χθόνα. (1)

O acto termina por um hino de louvor a Júpiter, por ter vindo em socorro dos inocentes e por estar prestes a castigar os injustos (2).

O IV acto abre com a entrada em cena de Lico, que conta a Forbas os receios de que se encontra possuído, derivados de uma violenta tempestade (3) e do conhecimento da chegada de Hércules e da sua estadia na cidade, iludindo a vigilância que montara (4). Mas estes

(1) Vv. 596-598.

*Tendo visto uma ave em sítios que não eram de bom augúrio, compreendi que qualquer desgraça atingira o meu palácio. Por isso, por precaução, entrei secretamente no país.*

(2) Reis Quita, *Obras II*, pp. 180-182.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 184. Eis algumas das palavras que dirige a Forbas:

*Que tormentosa noite! Os Elementos  
Pareciaõ querer enfurecidos  
Disputar entre si nossa ruina.  
As correntes do Ismeno pertendêraõ  
Devorar estes muros. Em fim Thebas  
Me pareceo, que tremula queria  
Nas entranhas da Terra sobmegir-se.  
Confesso-te, foi esta a vez primeira,  
Que em meu peito senti o frio susto,  
E que temi os Deoses vingadores!*

(4) Reis Quita, *Obras II*, pp. 184-185. Os seus temores são expressos por estas palavras:

*Tu mil vezes, Amigo, asseveravas,  
Que se tornasse a aparecer Alcides,  
Não podia escapar aos assassinos,  
Que tinhamos dispostos em segredo  
Para melhor servir nossos intentos?  
E com tudo escapou à vigilancia  
De todos os espias. Dentro em Thebas  
Esta noite foi visto. A sua vinda*

temores dissipam-se dentro em breve e transformam-se em alegria, quando Ormidas, o chefe das tropas que guardam a margem do Ismeno, vem anunciar que a tempestade fez naufragar os barcos que transportavam Hércules e que

*Entre algumas reliquias lastimosas  
De embarcações, que a negra tempestade  
Sobre a praia lançou despedaçadas,  
Esta pelle encontramos, esta Clava,  
Que todos conhecemos ser de Alcides (1).*

Esta notícia encheu-o de alegria; além de lhe abrir caminho e facilitar a realização dos seus anseios, veio mesmo a propósito. Dela lança mão imediatamente. Assim, depois de fazer uma nova tentativa, sem êxito, junto de Mégara, para que aceda a desposá-lo, perante a recusa desta e a sua ameaça de que ele verá

*.....logo hum vingador armado  
Castigar os teus bárbaros delictos (2),*

mostra-lhe as insígnias de Hércules que o rio lançou à margem e responde-lhe que «esse vingador» já não assusta ninguém.

Mégara fica trespassada de dor e desmaia; lamenta não poder, ao menos, prestar-lhe as honras fúnebres e

*Ajuntar cuidadosa as tuas cinzas,  
E encerrallas no espaço de urna breve  
Para como hum Thesouro conservallas (3).*

---

*Me intimida, me inquieta, e me atribula.  
Também me avisaõ, que d'além do Ismeno  
Na frente de Soldados escolhidos  
Se acha Theseo: Que muitos rebellados  
Com elle já se unirão.*

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 186.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 192.

(3) Reis Quita, *Obras II*, p. 194.

Mas não cede. Pelo contrário, lança-se em violenta invectiva contra Lico:

*A este monstro hum odio immortal júro,  
Júro de castigar a sua audácia:  
Hum punhal cravarei no infame peito (1).*

Perante estas palavras, a cólera de Lico extravasa e, com requintes de crueldade, manda executar as crianças na presença da mãe e do avô, apesar da súplica deste para morrer primeiro (2), que tem correspondência em súplica idêntica de Anfitrião e em iguais circunstâncias na peça de Eurípidés (3), e apesar também da tentativa de Mégara em provocar a piedade dos Tebanos, com base no reconhecimento que devem a Hércules.

No entanto, quando tudo parece irremediável para os infelizes, surge o inesperado. Ouve-se um alarido de vozes (4), e Forbas vem a correr comunicar a Lico que Hércules tinha escapado da tormenta e atacava a cidade (5).

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 195.

Podemos aproximar estas palavras das que profere nos versos 382-383 do *Hercules Furens* de Séneca.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 197.

(3) Vide infra, pp. 146-147.

(4) Reis Quita, *Obras II*, p. 198. É Lico que nos dá conhecimento desse alarido nestas palavras:

*Mas que escuto?... Que estrondo! que alarido  
De multidão revolta os ares fere?...*

que talvez se possam aproximar das que Anfitrião profere no *Hercules Furens* de Séneca:

*.....Cur subito labant  
agitata motu templa? Cur mugit solum?  
Infernus imo sonuit e fundo fragor.  
vv. 520-522*

(5) Reis Quita, *Obras II*, p. 198. São estas as suas palavras:

*Corre, que de armas, e inimigos  
Se vem cobrir os campos, estes muros  
Com apressada marcha demandando;  
A presença de Alcides os esforça.  
Da tormenta escapou, passou felice  
A pezar do naufragio o Ismeno a nado.*

Lico parte para a frente do seu exército. Creonte também vai para o combate, a colocar-se

*.....na frente dos Thebanos,  
Que feis a meu lado se juntarem (1).*

O acto termina com um canto coral.

No quinto e último acto, Creonte chega e conta à aflita e preocupada Mégara e ao coro as ocorrências do combate. O início da sua narração:

*Cada qual resoluto, e irado busca  
Por entre o inimigo abrir caminho.  
Já cheios de temor os vis rebeldes,  
Sem resistencia o campo nos deixavão.  
Mas reunindo-os o soberbo Lyco,  
Lhes dá com o seu exemplo hum novo esforço.  
O tropel dos Soldados furiosos  
Densas nuvens de pó ao Ceo levanta,  
Que a luz do Sol eclipsa, e não deixão  
Distinguir os vencedores, nem vencidos.  
.....  
Mas o bravo Theseo esforça, anima  
As Falanges, que tímidas desmaião (2).*

que parece ter sido sugerido pela descrição que o mensageiro faz do combate entre Atenenses e Tebanos, nas *Suplicantes* de Eurípides, onde nos aparecem também as nuvens de pó que sobem até ao céu; o estrépito da batalha, o incitamento dos dois combatentes, Creonte e Teseu, aos seus exércitos (vv. 687-698).

Brevemente, surge Lico, que fora derrotado, mas, apesar disso, não se dá por vencido. Apodera-se de Mégara e dos filhos e lança um ultimatum a Hércules: ou depor as armas e entregar-se-ia, ou Mégara e as crianças seriam mortas. Como não se visse obedecido, Lico prepara-se para descarregar o golpe, quando Mégara o mata, cravando-lhe um punhal no peito.

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 199.

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 206.

A narração de Creonte prolonga-se ainda pela página 207.

O diálogo desta cena final (1) — introduzida com visíveis intenções de criar a piedade que o perigo em que se encontram os inocentes, sempre provoca (2) —, carregado de exclamações, apresenta uma grande falta de naturalidade, como se pode ver do exemplo que damos a seguir:

*Mégara* — *O perigo fatal, em que me vejo,  
Não suspenda teus golpes, cáro Esposo,  
Fére á custa da minha vida, fére  
Este Monstro cruel, este Tyrano,*

*Hércules* — *Que confusão!*

*Creonte* — *Que horror!*

*Coro* — *Socorro, oh Deoses!*

*Lycó* — *Não vacilles! resolve. As armas rende,  
Ou serás parricida. Escolhe, Alcides.*

*Mégara* — *Não te enterneças; accomette, Esposo,  
Mata o Monstro feroz.*

*Lycó* — *Morrei, ingratos.*

*Coro* — *Oh Ceos! Suspende.*

*Mégara* — *O golpe descarrega.*

*Hércules* — *Que lance!*

*Creonte* — *Que conflictó!*

*Coro* — *Que impiedade*

*Mégara* — *Alentai minhas forças, justos Deoses*

*Lycó* — *Inda estás vacillante? não resolves?*

*Hércules* — *Ah cruel!*

*Lycó* — *Morrei todos.*

*Mégara* — *Morre, infame,  
Morre, como hum cobarde.*

*Lycó* — *Morro.*

*Mégara* — *Sirva  
De exemplo a tua morte aos criminosos.  
Vinde, Filhos; rendei graças aos Deoses.  
Amado Esposo, vem, voa a meus braços.*

*Hércules* — *Mégara!... Que valor!... Que heroicidade! (3)*

(1) Reis Quita, *Obras II*, pp. 212-215.

(2) Reis Quita abusou deste processo, pois por três vezes colocou Mégara e as crianças em perigo.

(3) Reis Quita, *Obras II*, pp. 213-215.

Assim termina a acção desta tragédia que Reis Quita compôs de colaboração com Pedegache e, como sucede com a *Hermione* relativamente à *Andrômaca* de Eurípides, apresenta uma forte influência do *Hércules* do mesmo trágico, e uma influência mais moderada do *Hércules Furioso* de Séneca, como ficou demonstrado na exposição que acaba de ser feita.

Num trabalho que dedicámos à «Influência da *Andrômaca* de Eurípides no Teatro Português do séc. XVIII» afirmámos que Quita não sabia grego e talvez não soubesse latim (1). Por isso, só podia ter conhecimento do teatro grego e latino através de intermediários. Era natural que fosse o mesmo que lhe permitiu o acesso à *Andrômaca*, que largamente influenciou na sua *Hermione*: o livro do jesuíta P. Brumoy, *Le Théâtre des Grecs*, que nos dá a tradução integral de algumas tragédias e comédias helénicas, e de outras, bem como das suas imitações posteriores, nos transmite um resumo. É o caso das duas peças em questão.

Não esquecemos, no entanto, que Quita não compôs sozinho a *Mégara*, mas fê-lo de parceria com Pedegache, como está bem expresso na seguinte nota ao título da tragédia: *Composta por Miguel Tiberio Pedegache Brandão Ivo, e Domingos dos Reis Quita em 1761*. A mesma conclusão se tira da edição da *Mégara* que traz uma *Dissertação sobre a Tragédia* antecedendo a peça, publicada em Lisboa na Oficina Patriarcal sob o nome de Pedegache, no ano de 1767, que este dedica à Condessa de Oeiras e onde num esclarecimento «Ao Leitor» afirma: *No anno de 1761 compozemos a Tragedia de Megara, o Senhor Domingos dos Reys Quita, e eu* (2).

---

(1) Comunicação apresentada ao Congresso Internacional de Estudos sobre *A Arte em Portugal no Século XVIII* de homenagem a André Soares, em Braga, e publicada no tomo III das *Actas* do referido Congresso que coincide com o vol. XXVIII da revista *Bracara Augusta* (1974). O passo aqui citado encontra-se na p. 271.

Hernâni Cidade (*Lições de Cultura e Literatura Portuguesa*, Coimbra, 1968, p. 271) afirma expressamente que Reis Quita conhecia o Latim. Embora seja fácil admitir tal facto para um escritor português do séc. XVIII, não encontramos fonte alguma que nos permita tal asserção a respeito de Alcino Micénio. Pelo contrário, temos muitas dúvidas quanto ao seu conhecimento da língua latina e expressámos, na Conferência citada na nota anterior, o porquê das nossas dúvidas.

(2) António José Saraiva e Óscar Lopes (*História da Literatura Portuguesa*, Porto, s.d. p. 613) estendem esta colaboração às restantes três tragédias. Não encon-

Ora, se Quita não sabia grego e é duvidoso que dominasse o latim, o mesmo já não se pode dizer de Pedegache. No que respeita a esta língua não deixam dúvidas, quanto ao seu conhecimento as inúmeras citações em latim que nos oferece a «Dissertação sobre a Tragédia» que incluiu na edição da *Mégara* acima citada (1). Quanto ao grego, parece tê-lo sabido também, a julgar por certos indícios, discussões filológicas e citações que a mesma «Dissertação» nos fornece. É o caso da do uso do termo *Heptapilon* na frase *porque quem ignora que Thebas da Beocia..... se chamava Heptapilon, por consideração das suas sete portas* (2). Se este termo se podia explicar pelo seu uso, na época, por outros escritores, já o mesmo se não pode dizer de uma frase como: *A origem da palavra Acto he Latina, que neste idioma se diz Actus; e quer dizer a mesma couza que o δράμα dos gregos. Estas duas palavras vem de dous verbos, hum grego δράω, e outro latino Ago, que ambos significam obrar* (3).

Um outro argumento a favor do seu conhecimento do grego são as citações abundantes de obras gregas (4) e o facto de o séc. XVIII ter sido, em Portugal, um século áureo no estudo do grego.

No entanto, suponho poder demonstrar que, embora Pedegache dominasse a Língua Latina e soubesse grego, foi através de Brumoy que os autores conheceram as duas tragédias, a latina e a grega. Bastanos um breve confronto para nos certificarmos disso. Em primeiro lugar, notamos que, de um modo geral, os passos acima citados estão muito mais próximos — alguns não são mais do que tradução quase literal — do resumo apresentado por Brumoy, do que do original grego ou latino.

Vamos apresentar alguns exemplos.

Na cena inicial do primeiro Acto, o Coro, perante o desamparo

---

trámos, porém, elementos que confirmem tal afirmação. Os únicos dados concretos que até hoje conseguimos foram os que acabámos de citar, e só nos demonstram a colaboração para a *Mégara*.

(1) Cf. e. g. Manuel Tibério Pedegache Brandão Ivo, *Mégara*, Lisboa, Officina Patriarcal, 1767, pp. L-LI, notas 1 e 2, pp. LXXIV-LXXV, notas 1 e 2.

(2) M. Tibério Pedegache, *Megara*, p. XXII.

(3) M. Tibério Pedegache, *Megara*, p. LXVIII.

(4) Esta porém não passa de uma hipótese sem grande força probativa, uma vez que, em muitos casos, o aparecimento da versão latina é anterior à edição princeps do original grego.

de Mégara, afirma que está pronto a dar a vida por ela, mas as forças não correspondem à coragem:

*Coro* — *Este sangue, ó Princeza, enfraquecido  
A derramar por ti promptos estamos:  
Mas das nossas mãos debeis, desarmadas,  
Que pódes esperar? Fraco socorro.*  
*Mégara* — *Companheiros feis do meu destino,  
Não quero que esse amor vos custe a vida (1).*

Comparando este diálogo com o passo da tragédia grega (vv. 252-278, sobretudo 268-278) e com o resumo que dele dá Brumoy, aparecem-nos muito mais próximo deste, do que do texto helénico, sendo o segundo verso pronunciado por Mégara quase tradução literal.

Eis o texto grego:

*XOP.* ὦ δεξιὰ χεῖρ, ὡς ποθεῖς λαβεῖν δόρυ,  
ἐν δ' ἀσθενεῖαι τὸν πόθον διώλεσας.  
Ἐπεὶ σ' ἔπαισ' ἂν δοῦλον ἐννέποντά με  
καὶ τάσδε Θήβας εὐκλεῶς ὠικήσαμεν,  
ἐν αἷς σὺ χαίρεις. Οὐ γὰρ εὖ φρονεῖ πόλις  
στάσει νοσοῦσα καὶ κακοῖς βουλευμασιν·  
οὐ γὰρ ποτ' ἂν σὲ δεσπότην ἐκτήσατο.  
*MEΓ.* Γέροντες, αἰνῶ τῶν φίλων γὰρ οὔνεκα  
ὄργας δικαίας τοὺς φίλους ἔχειν χρεῶν  
ἡμῶν δ' ἔκατι δεσπότηις θυμούμενοι  
πάθητε μηδέν. (2)

(1) Reis Quita, *Obras* II, p. 131.

(2) Vv. 268-278:

*CORO* Ó meu braço direito, como desejas tomar a lança, mas perdes essa ânsia na debilidade. De outro modo, eu ter-te-ia impedido de me chamar escravo e habitaríamos com glória a nossa Tebas, onde te regozijas. Não está no seu bom senso a cidade que se entrega à discórdia e maus conselhos. Caso contrário nunca te teria recebido como senhor.

*MÉGARA* Eu vos agradeço anciãos. Convém, de facto, que os amigos sintam justas cóleras pelos seus amigos. Mas vós não tendes obrigação de sofrer desgraça alguma, irritando-vos contra o vosso senhor por nossa causa.

E agora o resumo que dele nos oferece Brumoy:

*Ces genereux Vieillards ne respirent que la vengeance; et leur unique peine, c'est de voir que leur pouvoir ne réponde pas à leur courage.*

*Megare les remercie de leur affection; mais elle ne veut pas qu'il leur en coûte les biens ou la vie (1).*

Mais tarde, na cena II, quando Lico entra e propõe casamento a Mégara, esta explode nestes termos:

*Tu me offreces a mão no sangue tinta  
De meu pai, meus irmãos? (2)*

que têm todo o aspecto de ser uma adaptação bastante fiel (é flagrante a expressão: *mão no sangue tinta*) do resumo

*Moi, que je baise une main encore teinte du sang de mon pere  
et de mes freres (3).*

que Brumoy nos oferece dos versos 372-373 do *Hercules Furens* de Séneca:

*Egone ut parentes sanguine aspersam manum  
fratrumque gemina caeda contingam?*

Na cena III do II Acto, temos um caso ainda mais significativo. Mégara em conversa com Créonte, após a libertação deste, conta que os filhos passam o tempo a perguntar por Hércules:

*Ai de mim! Estes tenros infelices  
Não podem costumar-se a larga ausencia*

(1) P. Brumoy, *Le Théâtre des Grecs II*, p. 707.

À mesma conclusão nos poderia levar a comparação dos versos em que Lico (Reis Quita, *Obras II*, p. 135) ameaça lançar fogo ao altar, onde se encontra refugiada Mégara com os filhos (vide supra, p. 6), com os versos 240-246 da tragédia de Eurípides, com os versos 506-508 da tragédia de Séneca e o resumo que desses passos faz Brumoy (*Le Théâtre des Grecs II*, pp. 707 e 730).

(2) Reis Quita, *Obras II*, p. 139.

(3) P. Brumoy, *Le Théâtre des Grecs II*, p. 728.

*De tão amado Pai. A cada instante  
Aonde está? que faz? tristes perguntaõ.  
Se torna logo? Ao minimo ruido  
Vaõ correndo enganados na esperança  
De seu Pai abraçar, que em vaõ desejaõ (1).*

Estas palavras estão muito mais próximas do resumo de Brumoy

*Cette infortunée mere dit qu'ils viennent souvent les uns après les autres lui demander, «Où est donc leur pere? Que fait-il? Quand reviendra-t-il?... au moindre bruit qu'ils entendent, ils accourent dans le vain espoir d'embrasser un pere trop inutilement attendu (2).*

do que do passo correspondente de Eurípidés:

*Οἱ δ' εἰς ἔλεγχον ἄλλος ἄλλοθεν πίτνων  
«᾿Ω μῆτερ, ἀδ᾿αἰ, ποῖ πατήρ ἄπεστι γῆς;  
τί δρ᾿αἰ; πόθ' ἤξει;» Τῶι νέωι δ' ἐσφαλμένοι  
ζητοῦσι τὸν τεκόντ'. ἐγὼ δὲ διαφέρω  
λόγοισι μυθεύουσα. Θαυμάζων δ' ὅταν  
πύλαι φοφῶσι, πᾶς ἀνίστησιν πόδα,  
ὥς πρὸς πατρῶιον προσπесοῦμενοι γόνυ. (3)*

Um outro exemplo também muito elucidativo é-nos oferecido pela comparação das palavras que Mégara pronuncia, quando Lico, na VII cena do Acto II, vem insistir na proposta de casamento:

*Se a taõ torpe Hymenêo me sujeitasse,  
Seria para o número das filhas  
De Danao completar. Seria infame  
Para escolher lugar em que segura  
Cravasse o ferro em teu cobarde peito (4).*

(1) Reis Quita, *Obras II*, p. 156.

(2) P. Brumoy, *Le Théâtre des Grecs II*, p. 705.

(3) Vv. 73-79:

*E eles, uns atrás dos outros, caem sobre mim em perguntas: «Mãe, fala, em que terra se encontra ausente o nosso pai? Que faz? Quando vem?» Na sua inocência buscaram o pai, e eu vou-os distraíndo com histórias que invento. Mas, sempre sobressaltados quando ouvem as portas ranger, põem-se todos de pé para se lançarem aos pés do pai.*

(4) Reis Quita, *Obras II*, pp. 159-160.

com o passo do autor latino (vv. 498-500) e com o resumo que dele faz Brumoy. Eis os versos de Séneca:

*Nunc, nunc, cruentae regis Aegypti nurus,  
adeste multo sanguine infectae manus.  
Dest una numero Danais: explebo nefas.*

E agora o resumo que deles dá Brumoy:

*...déterminée qu'elle [Megare] est «à rendre complet le nombre des Danaïdes». Elle veut dire à tuer un époux tel que Lycus, et à faire ce que la seule Hypermnestre ne fit pas (1).*

Como se vê os segundo e terceiro versos são praticamente uma tradução de Brumoy.

Poderíamos continuar com esta análise comparativa da *Mégara* de Reis Quita e Pedegache com as tragédias de Eurípides e Séneca e com o resumo que delas nos dá Brumoy — cf. v. g. o início da segunda fala de Mégara, na cena VI do Acto II (2), com os versos 283 sqq. de Eurípides; a cena que precede a chegada de Hércules e a da sua entrada na *Mégara* com as cenas correspondentes na tragédia grega e na latina (3) e com os resumos de Brumoy (4) — que nos levaria sistematicamente

(1) *Le théâtre des Grecs* II, p. 729.

(2) D. Reis Quita, *Obras* II, p. 157.

(3) O confronto dessas cenas, sobretudo entre as da *Mégara* e as da tragédia de Eurípides, já foi feito nas pp. 10-19.

(4) *Le Théâtre des Grecs* II, respectivamente, pp. 707-708 e pp. 709-711.

Vamos dar apenas três ou quatro exemplos que sejam mais significativos. No acto III, quando entra em cena com Creonte e com os filhos a caminho do sacrifício, Mégara profere estas palavras:

*Já o Altar está prompto, e o Sacerdote?  
Aqui estão as victimas. Ah filhos,  
Que funesta união! A dura morte  
Nos junta nestes horridos lugares,  
E de meus ternos braços vos separa...  
Sim; pela ultima vez vos vem meus olhos.  
Cruel Destino! (p. 166).*

que são, em parte, imitação dos versos 451-456 da peça de Eurípides (vide supra,

à mesma conclusão: de que os autores portugueses tinham conhecimento dos resumos do jesuita francês e de que a *Mégara* foi trabalhada sobre eles. Tal análise, no entanto, alongaria desnecessariamente a exposição. Por isso, vamos apresentar apenas mais um exemplo. São as palavras que Creonte profere, quando Lico, ao propor pela última vez casamento a Mégara, após a partida de Hércules para se juntar ao exército e após a tempestade nocturna, e ao receber, de novo, a recusa terminante e intransigente desta, ordena aos soldados que matem as crianças antes e na presença da mãe e do avô:

*Manda que eu sofra os mais crueis supplicios:  
Lycó, só esta graça me concede.  
Já que mandas matar estes meninos,  
Arranca-nos primeiro a triste vida:  
Evita aos nossos olhos lagrimosos  
O horrivel espectáculo de vellos  
Espirar, implorando em vão afflictos  
De sua Mãe, de seu Avô o nome (1).*

p. 10), mas nitidamente escritas com base no resumo de Brumoy (*Le Théâtre des Grecs* II, p. 709):

*Où est le Prêtre...? voilà les Victimes. Chers enfans, quelle funeste union!  
C'est la mort qui nous réunit, et c'est pour la dernière fois que je jouis de votre  
vûë. Cruelle destinée!*

O confronto dos versos seguintes continuaria a mostrar-nos que o texto português se encontra mais perto do francês do que do Grego. Assim, quando mais abaixo (pp. 166-167) Mégara recorda os projectos de Hércules a respeito de Terímaco e Creoncides (vide supra, pp. 10-11, o confronto que fizemos deste passo com o da peça grega que lhe corresponde), segue nitidamente estas linhas de Brumoy (*Le Théâtre des Grecs* II, p. 709):

*Il vous destinoit à vous le Sceptre d'Argos, le Palais d'Eurysthée, et la peau du  
Lion de Nemée dont il étoit revêtu: à vous sa redoutable Massuë et la Couronne  
de Thebes que lui apportoit mon Hymen.*

Para não alongar vamos transcrever apenas mais o texto de Brumoy (*Le Théâtre des Grecs* II, p. 711), correspondente ao passo citado na p. 18.

HERCULE — *Quoi, mon absence a-t-elle donc dissipé tous mes amis?*

MEGARE — *Est-il des amis pour les malheureux?*

HERCULE — *Les ingrats Thebains ont-ils perdu le souvenir de mes bienfaits?*

Como se vê, o texto da *Mégara* está muito mais próximo do francês do que do original grego.

(1) D. Reis Quita, *Obras* II, p. 197.

que é uma imitação dos versos 321-325 da tragédia de Eurípides:

*Μίαν δὲ νῶιν δὸς χάριν, ἄναξ, ἱκνούμεθα  
κτεινόν με καὶ τήνδ' ἀθλίαν παίδων πάρος,  
ὡς μὴ τέκν' εἰσίδωμεν, ἀνόσιον θεάν,  
ψυχορραγοῦντα καὶ καλοῦντα μητέρα  
πατρός τε πατέρα. (1)*

mas nitidamente através do seguinte resumo que nos dá Brumoy:

*Me voici prêt...; frappez, percez mon sein, employez tous les supplices;  
je n'ai qu'une grace à demander; s'il faut que ces enfants perissent,  
du moins faites-nous mourir avant eux. Epargnez-nous l'horreur de  
les voir expirer en implorant vainement le nom de leur Mere et de  
leur Ayeul (2)*

Há casos em que Brumoy introduziu no resumo alterações, expli- citações ou mudança de nomes geográficos e mitológicos, alterações essas que nos aparecem também na *Mégara*. É o que sucede com a especificação dos nomes dos três filhos de Hércules na peça portu- guesa (3) — Terímaco, Creoncides e Deiconte — que não encontramos na tragédia de Eurípides nem na de Séneca, mas temo-la na obra de Brumoy, à margem do resumo da peça grega (4).

Outro exemplo está nestes versos em que Mégara censura os Teba- nos pela sua ingratidão e subserviência:

*Oh vós de Cadmo indignos descendentes!  
Cidade de Anfião! Em qual abysmo  
Cegamente vos tendes despenhado?  
Vós debaixo tremeis das Leis injustas  
De hum fero usurpador, que vos opprime (5)*

(1) Vv. 321-325:

*Mas, senhor, concede-nos apenas uma graça, te suplicamos: mata-me, bem como a esta infeliz, antes das crianças, para que não as vejamos — que espectáculo tão cruel! — expirar, chamando pela mãe e pelo avô.*

(2) *Le Théâtre des Grecs* II, p. 708.

(3) Reis Quita, *Obras* II, pp. 166-167.

(4) *Le Théâtre des Grecs* II, p. 709.

(5) Reis Quita, *Obras* II, p. 131.

que são praticamente uma tradução do resumo de Brumoy dos versos 268-270 da tragédia de Séneca:

*O race de Cadmus, ô cité d'Amphion, dans quel abîme êtes-vous précipitée? vous tremblez sous les lois d'un vil étranger devenu votre Tyran (1)*

Seguem-no até nos erros, como é o caso da utilização de Anfião (2), quando no texto latino, que damos a seguir, nos aparece *Ophionium*:

*Cadmea proles atque Ophionium genus,  
quo recidistis? Tremitis ignarum exulem,  
suis carentem finibus, nostris gravem.*

Uma que outra vez parece-nos notar a influência de outras tragédias, como é o caso dos seguintes versos da *Phèdre* de Racine (Acto II, cena V):

*L'on ne voit point deux fois le rivage des morts  
Seigneur, puisque Thésée a vu les sombres bords,  
N'esperez pas qu'ici jamais on le revoie,  
Et l'avare Acheron ne lâche point sa proye.*

nas palavras que Mégara profere, quando o coro, na cena inicial do I Acto, tenta consolá-la, dizendo-lhe que Hércules voltará, porque Júpiter não o desemprou nem desempará:

*Ah! que nenhum mortal duas vezes pôde  
As pavorosas margens vêr da estyge.  
De Theseo o designio temerario  
Ao Reino de Plutão levou Alcides  
.....  
Em vãõ esperaremos já mais vello  
Pois Charonte fugir não deixa a presa (3).*

(1) *Le Théâtre des Grecs* II, pp. 725-726.

(2) Talvez por confusão com o antropónimo *Amphion* que surge na tragédia de Séneca alguns versos antes (v. 262). Além disso, se compararmos os três passos, notaremos facilmente que o português está muito mais próximo do francês do que do latino.

(3) Reis Quita, *Obras* II, p. 130.

Caso curioso e elucidativo, vamos encontrar esse passo citado em Brumoy (1), a propósito do resumo do *Hercules Furens* de Séneca.

Além disso os autores portugueses têm o cuidado de seguir as normas estéticas e éticas que o jesuíta francês, aqui e além, vai exarando a propósito do decorrer da acção. É o que sucede, quando este autor, comentando a proposta de casamento feita por Lico a Mégara na tragédia de Séneca, afirma que é um achado muito bem imaginado, porque é mais verosímil e dá mais cor à crueldade do tirano que em Eurípidés tem um motivo muito fútil (2).

Pois, na tragédia portuguesa, como vimos na exposição, aparece-nos com grande evidência o motivo do casamento.

Algumas páginas mais adiante, a respeito da cena da chegada de Hércules na tragédia de Séneca (vv. 592 sqq.), Brumoy comenta:

*Cet Acte où l'on commence à voir Hercule, est ridicule à proportion que la Scene d'Euripide son modèle, est pleine de noblesse et de grandeur. Hercule paroît suivi de Thésée, mais comment? en Heros qui vient délivrer sa famille d'une mort prochaine? Non: mais en vrai déclamateur qui vient débiter avec emphase des exploits incroyables qui ne vont point au fait (3).*

Pois Pedegache e Reis Quita, neste ponto, seguem *pari passu* a tragédia de Eurípidés.

A tal ponto era premente a presença da obra de Brumoy e tão assíduo o seu manuseio que Pedegache, ao descrever na «Dissertação sobre a Tragédia» que antecede a *Mégara* e a que acima nos referimos, a acção das tragédias grega e latina (4), nada mais faz do que dar-nos um resumo dos resumos de Brumoy (5), traduzindo literalmente muitos passos. Onde o caso se torna mais explícito é nos juízos críticos que o autor francês expende sobre as duas tragédias e que aparecem também, por sistema, em Pedegache.

(1) *Le Théâtre des Grecs* II, p. 725.

(2) *Le Théâtre des Grecs* II, p. 728. Vide infra, pp. 38-39, onde se transcreve o texto francês.

(3) *Le Théâtre des Grecs* II, p. 730.

(4) M. Tibério Pedegache, *Mégara*, pp. IV-XX.

(5) *Le Théâtre des Grecs* II, pp. 703-737.

Vamos dar alguns exemplos, colocando lado a lado os textos português e francês, para que o confronto seja mais fácil.

Ao resumir o prólogo (1) os autores francês e português escrevem:

## BRUMOY

«*Qui ne connoît, dit-il, le fils d'Alcée, le pere d'Hercule, et le concurrent de Jupiter?*».....  
*Il raconte à peu près ce que j'ai dit d'abord de l'Histoire d'Hercule, de Créon, et de Lycus; il marque le lien de la Scene à sçavoir l'Autel de Jupiter érigé à Thebes par les soins d'Hercule à la porte de son Palais (p. 704).*

## PEDEGACHE

*Qual será (diz elle) o que não conhece o filho de Alceo, o pay de Hercules, o rival não menos que do mesmo Júpiter? Passa logo a referir summaria, mas nervosamente a história de Hercules, Creonte, e Lyco. Dá depois a conhecer qual seja o lugar da scena: isto he o altar de Jupiter levantado por Hercules à entrada do seu Palacio em Thebas (pp. IV-V).*

Quanto ao resumo do párodo e da entrada de Lico em cena, eis o que dizem os dois autores:

## BRUMOY

*Amphitryon aime à se repaître d'esperances. Il en croit voir une lueur dans le retardement de la mort: mais ce délai même paroît affreux à Megare.....; et l'on voit arriver le Choeur; ce sont*

## PEDEGACHE

*Crê [Anfitrião] apparecerlhe hum rayo de esperança na tardança da morte, ao mesmo tempo que esta se representa horribilissima a Megara. Esta triste, e funebre conversação acaba com a che-*

---

(1) Tanto um como o outro, seguindo aliás o costume da época, transformam o prólogo da tragédia grega no primeiro acto. A certa altura do resumo, Brumoy (p. 704) escreve: *Le Prologue se tourne en Dialogue*, e Piedegache não se afasta muito ao dizer: *e então se converte este Prologo em Dialogo (Megara, p. V).*

*des Vieillards, petit reste d'amis inutiles qui viennent consoler ces Princes malheureux..... Mais à peine ont-ils commencé de parler, que Lycus paroît.*

*Il demande avec insulte aux Princes sur quel espoir ils cherchent à prolonger des jours qu'il a proscrits (p. 705).*

*gada do Coro, modica reliquia de seus amigos, que..... concorrem a consolar estes desafortunados Principes. Apenas porém começaõ a fazer este bom officio, apparece Lyco, que insultando aos mesmos Principes, arrogante, e insolente procura saber delles, em que tenhaõ fundado as esperanças de prolongar a sua vida, além daquelle termo que elle lhes tem prescripto (p. V).*

A acedência de Lico ao pedido de Mégara de que a deixe entrar no palácio para adornar os filhos com as vestes fúnebres (vv. 332-335), Piedegache e Brumoy comentam-na deste modo:

## BRUMOY

*Lycus y consent, ordonne qu'on ouvre, et ajoute en se retirant qu'il va revenir pour les sacrifier; réponse Tyrannique et dans les moeurs Grecques (p. 708).*

## PEDEGACHE

*Vem nisto o tyranno, mandando abri-lhe as portas do palacio, e se retira, dizendo que não tardará em tornar alli para sacrificallos: resposta barbara sim, mas que quadra com os costumes dos Gregos (p. VI).*

Quanto às reacções de Anfitrião ao terminar esta cena (vv. 339-347), comentam-nas do seguinte modo:

## BRUMOY

*Pour Amphitryon il termine la Scene par un cri d'indignation contre Jupiter, et d'une maniere aussi ridicule qu'impie. Car il reproche à ce Dieu d'avoir bien*

## PEDEGACHE

*...e Amfytriaõ termina a scena por gritos de ira, e impaciencia contra Jupiter, mas por modo, que não tem menos de ridiculo, do que de impio, accusando*

*scû tromper Alcmene, et d'être insensible à la reconnoissance et à l'amitié qu'il doit à son époux* (p. 709).

*aquella falsa divindade, de haver sabido deludir taõ bem a Alcmena, e de mostrar-se insensível, e esquecido ao reconhecimento, e boa amizade que deve a seu esposo* (pp. VI-VII).

Mais tarde, no momento da chegada de Hércules (vv. 514 sqq.) têm estas observações:

## BRUMOY

*Dans ce moment de crise où tout semble désespéré, Hercule reparoît inopinément. C'est Megare qui la premiere l'apperçoit..... Elle envoie ses enfants à sa rencontre et leur dit de s'attacher aux habits de leur libérateur. Cette scene est une belle situation après ce qui a précédé* (p. 710).

## PEDEGACHE

*Em hum tão critico momento, aonde parecia dominar absolutamente a desesperação, apparece repentinamente Hercules. Megara, que he a primeira que nelle poem os olhos..... Manda-lhe sahir seus filhos ao encontro, e que procurem tocar os vestidos de seu libertador. Esta scena, supposto o que tem precedido, está collocada na mais bella situação* (p. VII).

Poderíamos multiplicar os exemplos, mas julgamos desnecessário e cansativo. Para concluir, vamos apresentar apenas mais um respeitante à tragédia de Séneca.

Quando Lico entra pela primeira vez em cena e confessa que tem intensões de desposar Mégara (vv. 332 sqq.), Brumoy e Pedegache têm este comentário:

## Brumoy

*Voilà ce qui appartient en propre à Seneca, et ce tour est très-heureusement imaginé. Car*

## PEDEGACHE

*Esta idéa pertence em proprio a Seneca, e he muito bem imaginada, porque demais de acharse*

*outré que l'amour de Lycus est dans la vrai-semblance, il donne beau jeu au Poëte, et plus de couleur à la cruauté du Tyran, que paroît avoir un motif trop bas chez Euripide (p. 728).*

*o amor de Lyco na verisimilhança, dá huma bella oportunidade ao Poeta, e mais vicacidade, e cor à crueldade do tyranno, que em Euripides parece ter hum motivo muito abjecto (p. XIII).*

Após esta exposição que já vai longa, três pontos se nos impõem como conclusão: primeiro, que *Mégara*, da coautoria de Reis Quita e Pedegache, apresenta uma acentuada influência de Eurípides, tanto na acção como nos argumentos e dizeres empregues pelas personagens, e uma influência mais moderada de Séneca; essa influência foi recebida através da obra de divulgação do jesuita francês P. Brumoy, *Le Théâtre des Grecs*, com grande voga na Europa durante o séc. XVIII (1), que os autores utilizaram sistematicamente. Isto apesar de Pedegache saber Latim (2) e, provavelmente, conhecer o grego, podendo, portanto, ter acesso directo ao original.

JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

---

(1) Como escrevemos no artigo «A influência da *Andrómaca* de Eurípides no teatro português do séc. XVIII», a obra de Brumoy teve três edições em menos de vinte anos, o que diz bem da sua difusão e divulgação (*Bracara Augusta XXVIII* (1974), p. 278).

(2) No que tange a Reis Quita, já expusemos as nossas razões no artigo citado na nota anterior (p. 271). Quanto a Pedegache, além do argumento que apresentámos, não encontramos em nenhum autor coevo seu qualquer referência a possíveis estudos de Latim. Acresce ainda que das obras que lhe são atribuídas no *Dicionário Bibliográfico de Inocêncio*, algumas delas traduções, nenhuma tem relação ou é vertida da língua latina, mas sistematicamente do francês, o que é natural, uma vez que Pedegache era de ascendência suíça.